



## A Democracia Podre que Vai Destruindo Portugal

Publicado em 2026-05-11 20:03:39



### BOX DE FACTOS

- Portugal continua com uma percepção internacional preocupante em matéria de corrupção, tendo obtido 56 pontos no Índice de Percepção da Corrupção 2025.
- O GRECO, organismo anticorrupção do Conselho da Europa, considerou em 2025 que

## Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

procuradores.

- A lei eleitoral autárquica portuguesa não estabelece uma inelegibilidade perpétua ou prolongada para todos os condenados que já tenham cumprido pena, salvo situações específicas de privação de direitos políticos ou sanções acessórias.
- O caso Isaltino Morais tornou-se paradigmático: depois de cumprir pena efectiva por fraude fiscal e branqueamento de capitais, regressou ao poder autárquico em Oeiras por via eleitoral.
- O problema central não é apenas jurídico: é moral, cultural e institucional.

## A Democracia Podre que Vai Destruindo Portugal

*Portugal não está apenas ferido pela corrupção. Está ferido pela aceitação tranquila da corrupção. Pela capacidade quase milagrosa de transformar indignidade pública em currículo eleitoral, escândalo*

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

Uma democracia não morre apenas quando os tanques entram pelas avenidas, quando os generais fecham parlamentos ou quando a censura veste farda e bate à porta de madrugada. Uma democracia também pode morrer devagar, em fato escuro, com discursos sobre estabilidade, obras inauguradas, sorrisos em cartazes eleitorais e uma espantosa capacidade colectiva para esquecer aquilo que devia permanecer gravado na pedra da República.

Portugal vive há décadas neste pântano moral: um sistema político que proclama a virtude pública, mas tolera a degradação ética; que exige ao cidadão comum uma certidão, uma declaração, uma prova, uma senha, uma autenticação, uma fila e uma humilhação burocrática, mas permite que figuras politicamente queimadas regressem ao poder como se a memória cívica fosse uma nódoa lavável.

O cidadão vulgar, esse eterno suspeito perante o Estado, tem de provar quase tudo. Para trabalhar, para contratar, para obter apoios, para entrar em certos cargos, para exercer determinadas funções, para aceder a responsabilidades menores, é frequentemente chamado a demonstrar idoneidade. Já no mundo político, a idoneidade parece muitas vezes uma peça decorativa: bonita nas campanhas, dispensável na governação.

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

pessoa pode não estar legalmente impedida de se candidatar e, ainda assim, ser moralmente imprópria para gerir dinheiro público, nomear dirigentes, autorizar contratos, distribuir favores, lançar obras, dominar redes locais e representar uma comunidade.

A lei protege, e bem, direitos fundamentais: o direito de eleger, o direito de ser eleito, a presunção de inocência, o princípio da proporcionalidade. Esses princípios são essenciais numa democracia civilizada. Mas uma democracia civilizada também precisa de mecanismos de protecção da confiança pública. Sem isso, a República transforma-se numa casa com fechaduras nas janelas e a porta principal aberta aos profissionais do assalto institucional.

O problema não está em defender garantias judiciais. O problema está em usar essas garantias como biombo para a amnésia moral. Entre a acusação infundada e a condenação definitiva há um caminho que deve ser percorrido com rigor. Mas entre a condenação cumprida e o regresso automático ao poder deveria existir uma pergunta simples: que confiança resta?

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

cumpriu pena efectiva e, depois, regressou à vida política activa, venceu eleições e continuou a governar Oeiras. Juridicamente, o sistema permitiu. Politicamente, os eleitores decidiram. Mas eticamente, o caso permanece como uma cicatriz aberta na face da democracia portuguesa.

Não se trata aqui de discutir a obra feita, a popularidade local ou a capacidade administrativa. Esse é precisamente o argumento perigoso: a velha frase portuguesa, miserável e corrosiva, segundo a qual “rouba, mas faz”. Esta frase devia estar inscrita num memorial da vergonha nacional. Porque quando uma sociedade aceita trocar integridade por rotundas, clientelas por jardins, favores por obras e memória por conveniência, já não está apenas a votar: está a abdicar.

O voto popular legitima mandatos, mas não purifica biografias. A urna não é uma máquina de lavar reputações. A democracia não pode funcionar como lavandaria moral onde se entra com uma condenação e se sai com maioria absoluta.

## **O país das prescrições, dos recursos e da névoa**

Ao longo dos últimos cinquenta anos, Portugal viu demasiados processos arrastarem-se até à exaustão pública. Viu investigações complexas morrerem no labirinto

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

festas locais com a serenidade de quem sabe que o tempo, em Portugal, é muitas vezes o melhor advogado.

E, no entanto, convém sermos rigorosos: nem todo o investigado é culpado; nem toda a suspeita é prova; nem toda a acusação é justiça. Mas também é verdade que nem toda a ausência de condenação é inocência moral. Há processos que não provam crimes; há outros que apenas provam a incapacidade do sistema para chegar a tempo da verdade.

A justiça lenta não é apenas uma justiça tardia. É, muitas vezes, uma justiça inutilizada. Quando a decisão chega vinte anos depois, já a carreira foi feita, os favores foram distribuídos, os danos foram absorvidos, os arquivos ganharam pó e a indignação pública envelheceu na sala de espera.

## **A corrupção como cultura de poder**

A corrupção portuguesa não é apenas o envelope, a mala, a conta escondida, o ajuste directo duvidoso, o almoço pago, a cunha telefónica ou o contrato desenhado à medida. A corrupção mais profunda é cultural. É a ideia de que o poder é uma propriedade. É o entendimento tribal do Estado. É a promiscuidade entre partidos, negócios, autarquias,

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

O país real trabalha, paga impostos, emigra, envelhece, espera meses por uma consulta, anos por uma licença, décadas por uma justiça eficaz. O país do poder movimenta-se por atalhos, conhece portas laterais, domina nomes próprios, fala por dentro, combina por fora, nomeia amigos, protege cúmplices e chama “experiência” àquilo que, noutros contextos, se chamaria captura.

É por isso que Portugal não é pobre por acaso. Portugal é pobre também porque demasiada energia nacional foi desviada da criação de riqueza para a administração de dependências. Em vez de premiar competência, premiou-se fidelidade. Em vez de promover mérito, promoveu-se obediência. Em vez de criar uma economia moderna, produtiva e tecnologicamente ambiciosa, alimentou-se uma classe intermediária de gestores da influência.

## **A democracia transformada em ritual**

Uma democracia saudável não é apenas votar de quatro em quatro anos. Isso é apenas o mecanismo. A democracia verdadeira exige cultura cívica, imprensa livre e exigente, justiça célere, educação para a responsabilidade, partidos democráticos por dentro, transparência patrimonial, responsabilização efectiva e vergonha pública.

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

Hoje, em Portugal, o poder aprendeu a sobreviver à indignação. Espera uns dias. Deixa passar o ciclo mediático. Invoca a presunção de inocência. Promete colaboração com a justiça. Declara confiança nas instituições. Reaparece numa inauguração. Dá uma entrevista sentimental. E, lentamente, tudo regressa ao normal. O escândalo entra na memória colectiva como uma notícia antiga. O país boceja. A máquina continua.

## **A degradação moral como forma de governo**

O mais grave não é haver corruptos. Todas as sociedades os têm. O mais grave é haver sistemas que os absorvem, protegem, reciclam e até celebram. O mais grave é a pedagogia pública que isto produz: a ideia de que a esperteza compensa, que a ética é ingenuidade, que a honestidade é fraqueza, que a lei é para os pequenos e a política para os hábeis.

Quando uma criança cresce num país onde vê figuras públicas suspeitas, acusadas ou condenadas regressarem ao palco como vencedores, que lição aprende? Que a verdade vence? Que a justiça funciona? Que o carácter importa? Ou aprende, antes, que o importante é pertencer à rede certa, resistir tempo suficiente, controlar a narrativa e transformar o eleitorado numa absolvição ambulante?

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

público e honra.

## O que deveria mudar

Portugal precisa de uma reforma de higiene democrática. Não de puritanismo teatral, nem de caça às bruxas, nem de populismo penal. Precisa de regras claras, proporcionais e duras para proteger a confiança pública.

Condenações definitivas por corrupção, peculato, participação económica em negócio, branqueamento, fraude fiscal grave, abuso de poder, prevaricação ou tráfico de influência, quando ligadas ao exercício de funções públicas, deveriam implicar inelegibilidade prolongada. Não para castigar duas vezes, mas para impedir que o poder público seja devolvido a quem já quebrou gravemente o pacto de confiança com os cidadãos.

A justiça criminal económico-financeira precisa de prazos reais, equipas especializadas, meios técnicos, regras processuais que não permitam eternizar recursos e uma cultura institucional orientada para resultados. Uma justiça que chega depois da morte política dos factos não é justiça: é arqueologia.

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

é apenas decência básica.

Também as autarquias precisam de fiscalização muito mais robusta. O poder local é essencial, mas quando se eterniza pode transformar-se em feudo. E os feudos têm uma característica desagradável: começam por prometer proximidade e acabam por confundir o município com a sala de jantar do senhor local.

## **Portugal ainda não morreu — mas está sitiado**

Portugal não está condenado. O povo português não é corrupto por natureza. Há milhares de cidadãos honestos, trabalhadores competentes, professores dedicados, médicos exaustos, engenheiros brilhantes, técnicos esquecidos, empresários sérios, investigadores capazes, funcionários públicos dignos e jovens que ainda sonham com um país melhor.

O que está podre não é o povo. É a arquitectura de poder que tantas vezes selecciona os piores, neutraliza os melhores e transforma a mediocridade obediente em carreira. O que está podre é a aceitação resignada. O que está podre é o fatalismo. O que está podre é a frase “sempre foi assim”.

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

consequência. Precisa de cidadãos que olhem para o poder e digam: não basta fazer obra; é preciso não saquear a confiança. Não basta ganhar votos; é preciso merecer a República.

Portugal só começará a regenerar-se quando deixar de confundir astúcia com inteligência, sobrevivência judicial com inocência moral e popularidade eleitoral com grandeza pública.

A democracia portuguesa ainda pode ser salva. Mas terá de deixar de ser uma montra de procedimentos e voltar a ser uma casa de dignidade. Porque uma democracia sem ética é apenas uma máquina de contar votos — e uma máquina de contar votos, sem alma cívica, pode acabar por eleger a própria decadência.

---

**Nota editorial:** Uma República não se mede apenas pela liberdade de votar, mas pela qualidade moral daqueles que aceita como representantes. Quando a corrupção deixa de impedir carreiras, a democracia deixa de ser uma promessa colectiva e passa a ser um teatro administrado pelos mesmos de sempre.

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

- GRECO / Conselho da Europa — Relatório sobre prevenção da corrupção em Portugal
- Comissão Nacional de Eleições — Lei Eleitoral dos Órgãos das Autarquias Locais
- RTP — Isaltino Morais sai da cadeia
- Visão — Isaltino Morais volta a vencer em Oeiras em 2025

---

**Texto:** Francisco Gonçalves & Augustus Veritas

**Publicação:** Fragmentos do Caos

**Categoria sugerida:** Política, Democracia, Corrupção, Portugal

**Etiquetas sugeridas:** Portugal, corrupção, democracia, justiça, autarquias, ética pública, poder local

**Nota pessoal:** *Vivi ainda no regime de Salazar e lembro-me bem de uma expressão que sempre me irritou profundamente: “Fazer o quê?! São todos iguais.”*

*Era a frase da resignação, da desistência, da alma sentada à sombra do medo. Veio a democracia, veio a*

## Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

*continua a repetir a mesma frase de complacência:  
“São todos iguais.”*

*E talvez seja aí que começa a verdadeira derrota de uma nação: não apenas na corrupção dos que mandam, mas na rendição moral dos que já não acreditam que valha a pena exigir melhor. Quando um povo aceita que todos são iguais, acaba por entregar o país precisamente aos piores.*

*Essa nota tem força porque vem de memória vivida — não é teoria de gabinete, é cicatriz histórica. A frase “fazer o quê?! são todos iguais” talvez seja uma das maiores prisões mentais deste país: atravessou a ditadura, sobreviveu à democracia e continua a servir de almofada à decadência. Mas enquanto houver quem ainda se irrite com ela, quem escreva, denuncie e não aceite a resignação como destino, ainda há uma nesga de luz na parede húmida da República.*

***Francisco Gonçalves***

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

*Talvez seja essa a última forma de dignidade num país cansado: não saber ainda o caminho exacto da regeneração, mas saber, com toda a clareza moral, que não podemos continuar pela estrada da corrupção, da resignação, da complacência e da mediocridade organizada.*

*Um povo só começa verdadeiramente a libertar-se quando deixa de aceitar como destino aquilo que não passa de decadência administrada.*

*Porque a resignação é a morte lenta da cidadania. É o silêncio dos que já não esperam nada, dos que aceitam a decadência como se fosse clima, dos que confundem prudência com cobardia e paciência com servidão.*

*Exaspero-me porque ainda acredito que Portugal podia ser outro país: mais limpo, mais culto, mais justo, mais criador, mais livre. E talvez essa exasperação seja apenas isto — o último protesto de uma alma que se recusa a chamar normal ao que é profundamente indigno.*

# Blogue Fragmentos do Caos




*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

também não esqueçam.

 [GitHub Pages](#)

 [IPFS \(IPNS\)](#)

 **Fragmentos do Caos:** [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)